CARLOS STUDART FILHO E A CADEIRA N.º 27 DO INSTITUTO DO CEARÁ

Maria da Conceição Souza

De início, os melhores e mais afetuosos agradecimentos às palavras do ilustre e ilustrado confrade Dr. Raimundo Girão.

Caminhei prudentemente e devagar para atingir o topo sem fadigar-me. Alcancei o lugar maior de minha carreira de pesquisadora, em longo e difícil trajeto de mais de trinta anos.

A essa elevação — o Instituto do Ceará — fui conduzida pelo eminente historiador cujo paraninfado honroso me abriu as portas deste templo do saber. Muito grata a ele, **ex toto corde.**

Não o esquecerei estou certa, sobretudo porque todos lhe devem pelo trabalho iterativo, paciente, acurado e brilhante, realizado com o fito de registrar com acerto, a verdade factual dos eventos ocorridos no Ceará.

A geração de hoje e as futuras serão, sempre, credoras do tesouro histórico por ele construído, cuja permanência ninguém poderá mais aluir.

Foi Raimundo Girão quem, nos longes de 1944 me trouxe esta Casa, na qualidade de Auxiliar da Secretaria. Era ele o Secretário.

Então, aqui presenciei como se faz a história cearense e aprendi, cedo, a amá-la com olhos e coração de muita reverência.

Foi-me ensinado a ser cuidadosa com o passado histórico e comecei a sentir a extensão e veracidade do que disse Eduardo Prado: "**Quem trata do passado é desinteressado, e só o desinteresse enobrece, eleva e dignifica as aspirações dos homens.**"

Empós, amando mais a História empolguei-me com Tucidídes, que a conceituava como "**o estudo psicológico das causas que atuaram no pretérito, para a lição do porvir, visando à renovação moral, à cura das consciências.**"

Em meio de historiadores imersos na busca do passado, envolvi-me com o setor extenso do pesquisa histórica, ao mesmo tempo que realizava meus afazeres administrativos.

Meu fito exclusivo era encontrar o que se fez, como se fez, e o porquê das atitudes de ontem. Assim, meu trabalho é propiciar a explicação clara do fato histórico, utilizando como instrumento a pesquisa, para mim uma forma de viver.

Nele, memorei o Ceará no passado, na luta agônica contra a seca, na política, na administração, na antropologia, no arcabouço sócio-psicológico.

Efetivada a tarefa, entreguei ao historiador, ao literato, ao estudante, ao cientista e ao professor, o material colhido, a fim de lhes possibilitar conclusões lítero-científicas e sócio-culturais, em favor do presente e do futuro de um Ceará mais desenvolvido e mais consciente dos fatos históricos. Nesta lide fui encontrando frases que tornaram o espírito mais pleno, como esta de Renan: "**o patrimônio moral de um povo fica consolidado de modo eterno e inabalável, no seu passado intangível**".

Não faz muito, deparei-me com admirável sentença de Sêneca que me encheu de muita força: "**Diante da imutabilidade irrevogável do passado, que nem os Deuses tinham o poder de destruir, só é certo aquilo que já passou**".

Este Sodalício é a casa opulenta da História do Ceará, a depositária fiel e a intérprete maior da documentação histórica do Estado. Dele sairam, saem e sairão conceitos exatos

nos setores geográfico, antropológico e histórico, mercê dos talentos e culturas aqui abrigados, no passado e no presente.

Este Instituto foi criado a 4 de março de 1887, posteriormente à fracassada iniciativa para a organização de um Instituto Histórico do Ceará, a 15 de novembro de 1877, sob a inspiração do Desembargador Silvério Fernandes de Araújo Jorge.

Nascido depois da Escola Normal, fundada em 1884 e antes da Academia Cearense de Letras (15 de agosto de 1894), esta entidade vem resistindo a todos os obstáculos, lutas e incompreensões.

Continua caminhando, sem hiato, na direção de mais saber, mais pesquisas e esclarecimentos, ao encontro do século XXI. Ele entende, como o autor de "O Mundo como vontade e representação", que **"um povo que não conhece sua própria História está limitado ao presente de sua geração atual; esse povo não compreende nem a sua própria natureza nem a sua própria existência, na impossibilidade em que está de as relacionar com o passado que as explica e, muito menos, pode antecipar alguma coisa do futuro. Somente a História pode dar um povo a inteira consciência de si próprio."**

Até hoje este Instituto foi presidido por cinco intelectuais de mérito indiscutível: PAULINO NOGUEIRA, historiador, político, grande reformador da Instrução Pública da Província, de 1887 a 1908; Tomás Pompeu de Sousa Brasil, historiador, político, Diretor da Instrução Pública e Vice-Presidente da Província, de 1908 a 1929; Guilherme Studart — O Pai da historiografia cearense, médico, filantropo, armazenador cuidadoso dos fatos históricos cearenses, de 1929 a 1938; Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, engenheiro, cientista, historiador, de 1938 a 1967; Raimundo Renato de Almeida Braga, agrônomo, bibliógrafo, historiador, erudito, de novembro de 1967 a março de 1968; Carlos Studart Filho, médico, historiador, militar, antropólogo, de março de 1968 a abril de 1982. Preside-o, atualmente, o escritor, historiador, jornalista, crítico literário Mozart Soriano Aderaldo.

Nesta noite, em virtude de norma estatutária, minha palavra situa-se no saudoso e ilustre General Doutor Carlos Studart Filho, ex-ocupante da Cadeira n.º 27.

Filho do casal Carlos Gordon Guilherme Studart e Maria Pereira Studart, veio ao mundo no dia 17 de junho de 1893, e faleceu no dia 6 de abril de 1982, com 88 anos.

Seus títulos eram diversos: médico, militar, historiador, jornalista, professor, biógrafo, crítico literário e etnógrafo.

Vejo-o sob três aspectos, lembrado de Tristão de Ataíde que, em "O Espírito e o Mundo", disse com muito acerto: "Os mortos deixam passivamente que se levante a planta os terrenos que cultivaram ou não, em vida".

Por isso, encontro o General Studart em três segmentos: a serviço da Pátria: a serviço da Comunidade: a serviço da Ciência.

Servindo consciente e de modo brilhante ao País, à Sociedade e ao Conhecimento, serviu, de conseguinte, ao próprio Deus, Senhor de todas as criaturas.

À Pátria serviu nas fileiras do Exército, onde ingressou, mediante concurso, aos 26 anos, no dia 3 de novembro de 1919, no posto de segundo-tenente médico.

Com equilíbrio e honradez obteve muitas promoções, e reformou-se no posto de General-de-Divisão, em 1955, com 37 anos de bons serviços. Também prestou "serviço de guerra" na zona abrangida pelos letras "O" e "N", do art. 1.º do Decreto-Secreto, n.º 10.490-A, de 25 de setembro de 1942.

Foi comandante interino da Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza (CE).

Como militar recebeu louvores emitidos pelos chefes das entidades em que serviu todos eles manifestando a dedicação profissional, a disciplina e a lealdade com que exerceu as funções.

Na qualidade de Médico trabalhou nos hospitais "São Zacarias" e "Gamboa", assim como na Santa Casa do Rio de Janeiro, e dirigiu a Enfermaria do Hospital Militar do Ceará e a do Estado de Pernambuco.

Iniciou sua clínica na Santa Casa de Manaus.

A mocidade estudantil, mormente os estudantes que se destinavam à carreira militar, recebeu os melhores ensinamentos do mestre que ele era, em História, Instrução Moral e Cívica, Geografia Geral e Arqueologia nos Colégios Militares do Ceará e do Rio de Janeiro e na Escola Preparatória de Cadetes, em São Paulo.

Ensinou Geografia na Escola Normal do Ceará, hoje Instituto de Educação do Ceará e Arqueologia, no Instituto de Antropologia da nossa Universidade Federal.

Escreveu excelentes artigos sobre temas científicos e sócios-educativos.

A serviço de Ciência esteve muito tempo quando divulgou a História e ciências correlatas, em livros, opúsculos e jornais brasileiros e estrangeiros.

Versou de modo sábio sobre Antropologia Cultural, Arqueologia indígena, Sociologia, História, Pré-História e Genealogia.

Foi historiador e antropólogo por excelência.

Mas, também, exerceu a crítica literária, com profundidade e muito bom senso.

Em qualquer dessas atividades tornou-se mestre agudo, penetrante, sério e magnífico pesquisador, consciente do trabalho que realizava, sempre comunicado com estilo dos melhores.

Membro do Conselho de Cultura do Estado do Ceará e do Conselho de Curadores da Universidade Federal do Ceará, operou com brilho nas funções exercidas.

Mais outros títulos: Sócio Honorário do Centro Médico Cearense, Acadêmico Honorário da Academia Sobralense de

Estudos e Letras, Sócio Correspondente da Academia Internacional de Heráldica e Genealogia, Membro da Comissão de Honra da Academia Brasileira de História, Sócio Benemérito da Casa do Ceará, Sócio Honorário da Sociedade Cearense de Geografia e História, Sócio Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, Sócio Efetivo da Academia Piracicabana de Letras, Sócio Efetivo da Academia Brasileira de História, Conselheiro do Instituto Geneológico Brasileiro, Sócio Efetivo da Associação Brasileira de Imprensa, Sócio Efetivo do Instituto de Genealogia do Ceará, Sócio Efetivo da Sociedade Brasileira de Geografia e Sócio Efetivo da Associação Cearense de Imprensa.

Ainda Sócio Correspondente das Academias: Fluminense de Letras e Nilopolitana de Letras, Sócio Correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos de São Paulo, Pará, Rio Grande do Norte, Maranhão, Minas Gerais, Niterói e Santos.

Durante 53 anos e 4 meses, isto é, de 20 de setembro de 1928 a 6 de abril de 1982, foi Sócio Titular desta sociedade. Escalonou vários cargos na Diretoria: Bibliotecário, 1.º Secretário, 2.º Secretário, 1.º Vice-Presidente, 2.º Vice-Presidente, Diretor de Publicidade, Secretário Geral, Secretário Perpétuo e Presidente Perpétuo, tendo falecido no desempenho deste último.

Na Academia Cearense de Letras, ocupou a Cadeira n.º 29, tendo sido eleito Vice-Presidente por muitas vezes e quando faleceu ocupava o referido cargo.

Em sua vasta bibliografia, levantada por mim e por Maria Hilzanir Cals de Abreu, já em 2a. edição, há o registro de 186 títulos, o que atesta a multiformidade do bom talento do saudoso confrade.

Nas lides jornalísticas usou, embora ocasionalmente, diversos pseudônimos:

Carlos Pereira, C.P., L.C. de Castro, Mário Machado, Podestá Ribeiro, T.C. de Oliveira e Criptorístico (quando estudante).

Figuram e fulguram nas produções do grande intelectual falecido: Os aborígines do Ceará; O Antigo Estado do Maranhão e suas capitanias feudais; Antônio de Sampaio; Artigos de Pedestá Ribeiro; Descoberta e Conquista de novas plantas; Estudos de história seiscentista; As Famílias Studart e Pereira; Páginas de História e Pré-História; Fundamentos Históricos do Estado do Maranhão e Grão Pará, e outros.

Os contemporâneos não lhe negaram crítica elogiosa, daí também as diversas condecorações por ele recebidas, mediante a outorga de medalhas, títulos honoríficos e prêmios: Prêmio Cunning (pela distinção na defesa da tese de doutoramento); Prêmio Gustavo Barroso; Prêmio Capistrano de Abreu; Medalha Militar de Bons Serviços; Medalha Cinqüentenário da Proclamação da República; Condecoração Marechal Trompowisky; Condecoração Marechal Caetano; Medalha Cruz do Mérito de Isabel, a Redentora; Medalha do 1.º Congresso de Medicina Militar; Medalha Marechal Hermes; Medalha José de Alencar; Medalha Barão de Studart; Medalha do Mérito Cultural da UFC; Medalha Comemorativa do Monumento a Gustavo Barroso; Medalha da Abolição (a maior comenda dada pelo Governo do Estado do Ceará); Medalha comemorativa do Bicentenário do Barão de Taquary; Diploma de Honra ao Mérito pela passagem do 42.º aniversário do Colégio Afonso Celso. Ainda é detentor da Placa Senador Pompeu por serviços prestados à Cultura no ano de Alencar.

A QUE VENHO?

Sem dúvida cabe, aqui e agora fazer esta indagação.

O meu segmento de estudos tem sido, em mais de dois terços da vida exclusivamente o da pesquisa. Nele hei mergulhado com o mesmo entusiasmo dos primeiros tempos, investigando cuidadosamente, buscando, procurando os fatos do pretérito para oferecer aos exegetas da História, aos mais capazes de análise mais profunda. Por isso não estou afeita aos caminhos da Retórica, tão apreciados em momentos como o desta sessão solenizada.

Mas a palavra tem função sobretudo social. Constitui herança puramente histórica do grupo, produto social prolongado, como diz Sapir.

O que interessa nesta Casa é compreender o expositor, sentir a mensagem que ele traz, os propósitos que o animam; saber a que ele vem no momento e qual a missão que lhe vai ser confiada.

A este respeito recordo fato singular que envolveu a figura do eminente Coelho Neto, o grande retor de todos os tempos. Fora convidado para proferir conferência no "Liceu de Arte Portuguesa", na antiga capital do País, Rio de Janeiro.

Tratando-se de recinto fechado e tendo em vista o assunto e a natureza da cerimônia, deveria o discurso ser por escrito, atendendo, também, às normas inerentes na etiqueta.

Coelho Neto não pôde entregar-se à tarefa no sábado como programara, pois foi envolvido por tarefas outras, de caráter inadiável.

Deixou-a para domingo. Porém era dia de jogo do Fluminense, clube pelo qual torcia. Por isso não preparou a conferência.

Na noite de segunda-feira lá estava o autor de "A Conquista" no local da solenidade. Falou quase hora e meia, encantando o auditório, preso a sua palavra fácil e brilhante. As laudas do papel se sucediam, embora ele não olhasse muito para os textos. Sabem a razão?

Todas as folhas estavam em branco. Era conferência de improviso.

Não me pude posicionar como Coelho Neto. As circunstâncias eram diferentes e o desequilíbrio entre sua capacidade retórica e a minha era evidente. Daí ter eu cuidado bem cedo, do que me competia aqui dizer, por escrito, embora não bem formulado.

A mim antecederam duas insígnes consócias.

A professora Julia Carneiro Leão de Vasconcelos foi a primeira.

Nascida em Granja, neste Estado, a 7 de setembro de 1880. Ensinou Geografia na antiga Escola Normal do Ceará onde apresentou tese sob o título: "Oceano e seu papel na harmonia do Globo. América Meridional (parte física). Esfera celeste e coordenadas."

Publicou "Memória Histórica" (apresentada à direção da Escola Normal), "A Ilha Sylt", "Os Insulares" e o "Território do Chaco", além de vários discursos. Manteve colaboração assídua em jornais e revistas, sempre sobre assunto da área geográfica. Falava e escrevia corretamente o inglês e o alemão. Muito honrou o nome de seu ilustre pai, o Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos.

Aqui não permaneceu muito tempo, porque acompanhou sua família para o Rio de Janeiro, onde passou a residir vindo a falecer em 1950.

A segunda mulher consócia foi Alba Valdez, pseudônimo que fez brilhar a pena da escritora Maria Rodrigues Peixe, natural de São Francisco de Uruburetama, hoje Itapajé, nascida aos 12 dias de dezembro de 1874. Exerceu o magistério público primário, hoje denominado 1.º grau.

Contista, jornalista, crítica literária e romancista.

Seu largo talento inventivo honrou a mulher cearense, na afirmação de Mário Linhares.

Fez parte do Centro Literário, da Boemia Literária e da Iracema Literária. É autora de "Em sonho" e "Dias de Luz" e colaborou em almanaques, revistas e jornais como "A República", "O Unitário", "Diário do Estado", "Jornal do Comércio", "O Povo", "Revista do Instituto do Ceará", "Revista da Academia Cearense de Letras".

Grande e bom êxito alcançou Alba Valdez quando viu capítulos do seu livro de contos "Em sonho", traduzidos em país encandinavo, a Suécia, pelo abalizado homem de letras Dr. Goron Bjorkman, e publicados no "Illusteradt Hwad Nytt", de Estocolmo.

Foi a primeira mulher integrante da Academia Cearense de Letras e, em 1904, fundadora da "Liga Feminina Cearense" cuja finalidade era trabalhar pelo desenvolvimento cultural da mulher do Ceará. Teve o privilégio de ser a primeira Presidenta dessa entidade.

Alba Valdez faleceu nesta Capital a 5 de fevereiro de 1972.

Não exagerou Antônio Sales chamando-a Alba Val dez.

Agora, sinto-me feliz e honrada em ter como consócia a Dra. Zélia Sá Viana Camurça.

Professora universitária da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Ceará, onde exerce o cargo de Professor Titular de Estudos Aplicados e ainda Professora Adjunta do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Marcante valor no mundo intelectual da terra. Portadora de alto nível de sabedoria, tem dado incontestável prova de talento nos misteres que lhe são cometidos.

É M.S. in Education, pela Universidade da Pensylvânia (EUA).

Minha eleição eu a tenho, também, como homenagem à mulher cearense há muito conceituada na História, com Elvira Pinho e Maria Tomásia; nas letras com Henriqueta Galeno, Júlia e Candida Galeno — a querida Nenzinha — esta, sustentáculo maior da "Casa de Juvenal Galeno". Ainda com Rachel de Queiroz, Francisca Clotilde, Risette Cabral Fernandes, Jandira Carvalho de Azevedo, Geraldina Amaral e tantos outros valores.

Junto, orgulhosa e embevecida, uma homenagem também à Bibliotecária Cearense — classe a quem muito deve a cultura de nossa terra — e, para cada uma, a certeza da vivência constante do nosso sagrado lema: "SERVUS SERVORUM SCIENTIAE".

Mas, retorno à pergunta: A QUE VENHO, Colegas, Senhores e Senhoras?

Cultuo a pesquisa histórica pública para a qual me sinto vocacionada, conduzida pelo gosto, aptidão e temperamento, tripé imprescindível, segundo a Psicologia para o efetivo desempenho profissional.

Para ela venho. Porque a considero a pedra da minha felicidade; e felicidade, nos ensina o autor de "Vida de Jesus": "é um devotamento ao dever ou a um ideal".

Pesquisa, para mim, é uma coisa e outra.

CREIO nos valores que fazem o Instituto do Ceará.

CREIO na Pesquisa, instrumento de transformação social e de luta contra as forças do irracionalismo, do colonialismo cultural e dos entraves ao progresso na conceituação do eminente mestre da historiografia brasileira — José Honório Rodrigues.

Tal um escafandro, ela, a pesquisa, poderá atuar com precisão e retirar do oceano do passado a gema preciosa que se busca. Beneficiada pelo estudo, cuidada pela reflexão e aperfeiçoada pela Ciência, abrirá novos e largos caminhos à História do nosso Ceará.

CREIO em Deus: onisciente, onividente e causa necessária. Artífice de toda a História.

Arrimada nesse credo pugnarei junto aos meus pares a fim de que o Instituto volte as atenções para o magnífico Plano da História do Ceará, que costumo denominar o grande PPS (Plano Pompeu Sobrinho).

Plano sábio: distribui a História do Ceará em 26 títulos especializados.

A proposição pertinente foi feita a 4 de agosto de 1941! Nele, o Ceará está planificado na sua multitemática da Terra de Alencar.

Desejo que o hoje procure arrancar do passado a solução dos problemas do amanhã.

E, quando tudo for terminado, será o dia — afirmou Raimundo Girão — "será o dia do mais gigantesco esforço a registrar-se neste ângulo de conhecimentos, no Brasil".

Manda a justiça proclamar que o atual Presidente — Dr. Mozart Soriano Aderaldo — já externou seu pensamento sobre este assunto.

Desses estudos somente foram publicados 7 títulos em 11 tomos: História Econômica do Ceará — Raimundo Girão; História Militar — Eusébio de Sousa; História das secas (sec. XIX) — Joaquim Alves; História das secas (séc. XX) — Pompeu Sobrinho; História da Literatura Cearense — Dolor Barreira; Proto-História — Pompeu Sobrinho; Pré-História — Pompeu Sobrinho; História do Ensino — Plácido Castelo.

A morte, no entanto, interrompeu o bom ritmo das publicações do Plano.

A pobreza bibliográfica sobre a maioria dos assuntos arrefeceu o entusiasmo de muitos.

Seriam convinháveis, pois, a redistribuição do temário restante e o estímulo do Sr. Presidente, a fim de que se possa retomar o caminho de outrora.

Desejo, ainda, organizar o "Catálogo Coletivo Cearense" onde se localize, facilmente, qualquer obra sobre o Ceará.

Aspiro, outrossim, se obtiver o **placet** da Presidência, a manter na Revista do Instituto do Ceará, uma seção denominada "Bibliografia Cearense", com caráter retrospectivo.

Item, estimarei orientar a ultimação dos trabalhos técnicos da Biblioteca, da Hemeroteca, da Mapoteca e Pinacoteca.

Deo juvante, prosseguirei na feitura, imprescindível, da Indexação das Revistas e Publicações seriadas cearenses, mormente aquelas de publicação encerrada.

Senhores e Senhoras:

Sejam as palavras quase finais de reconhecimento também, aos Drs. Mozart Soriano Aderaldo e Vinicius Barros Leal, que subscreveram a proposta de Raimundo Girão, no sentido de

que eu me tornasse Sócia desse fano da ciência histórica. Externo meu reconhecimento ainda ao Dr. Luiz Teixeira Barros, o qual, na qualidade de Relator da Proposta, se excedeu em generosidade.

Agradecimentos dirijo-os de igual modo a todos os que sufragaram o meu nome, ninguém discrepante entre os trinta e três eleitores. Os demais, em número de seis, deixaram de votar, em virtude de motivo de força maior. No entanto, manifestaram-me aplausos pela minha escolha.

Os lábios vão calar, porém o coração fica batendo acionado por imensa gratidão aos companheiros de Instituto, à minha família, a todos aqueles que me deram apoio e me apreçaram até hoje.

Ao Prof. Martins Filho, "Reitor dos Reitores", peça fundamental do Ensino Superior no Ceará e forte alavanca dos que carecem de mão protetora e dadivosa, a quem devo demais.

A Cláudio Martins — o melhor comandante, em todos os tempos, da expressiva e altamente conceituada Academia Cearense de Letras, de cuja amizade preciosa hei recebido grande consideração, vitalizando o meu propósito de continuar nas lides de pesquisadora e contribuindo para a expansão de meus conhecimentos colocando-me como Secretária Executiva da entidade que preside com eficiência e invulgar descortino.

Um agradecimento muito especial aos responsáveis pela minha chegada a este mundo menor: Cel. Cândido Procópio de Sousa e Maria Luisa de Sousa — meus queridos pais — fontes límpidas em cujas águas bebi exemplos de dedicação ao trabalho, espírito de sacrifício, alta capacidade de empatia, cumprimento do dever e profunda consciência dos valores eternos.

Com os seus ensinamentos inesquecíveis, aprendi a elevar-me devagar, com humildade, prudência e caráter, servindo desinteressadamente, à Comunidade e à Pesquisa.

Assim, pude chegar até o alto — o Instituto do Ceará — andando sem fadiga nem orgulho.

Na doce contemplação do Transcendente, juntos, diante de Deus, eles partilham comigo, nesta noite que para mim é dia de muita luz, a alegria que me banha o coração todo, pulsando com amor, carinho, saudade e reconhecimento profundo.

Obrigada, meu Deus e Senhor de todas as criaturas!

Nada mais...

(*) Pronunciado a 20 de agosto de 1982.